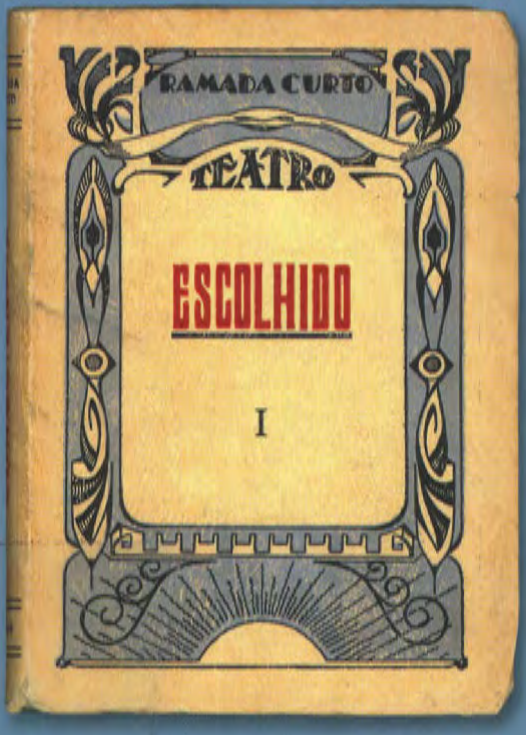
RAMADA CURTO
TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica
de DUARTE IVO CRUZ



BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

OFERTA

821.134.3
CUR, R 1

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA
UIFL
147431

Título: Teatro Escolhido
Vol. I
Autor: Ramada Curto
Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM
Revisão do texto: Levi Condinho
Tiragem: 800 exemplares
Data de impressão: Setembro de 2004
ISBN: 972-27-1346-9
Depósito legal: 215 392/04

RAMADA CURTO

TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica
de DUARTE IVO CRUZ

Vol. I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2004

DEMÓNIO

[1928]

DEMÓNIO

PERSONAGENS:

MARTA MENDONÇA
MANUEL DE CASTRO
JOÃO MALTA
MAJOR TAVEIRA
NUNO SILVARES
FLORINDO MENDONÇA
VALDEZ
CONSTANÇA
MARIA MANUELA
NATÁLIA
JENNY VALDEZ

Numa quinta a duas horas de Lisboa.
Actualidade.

I ACTO

Uma sala do palacete dos Mendonças, nos arredores de Lisboa. O fundo da cena é um largo envidraçado que abre sobre os jardins. À D. e à E. nos dois planos, portas. Mobiliário rico e de gosto. Uma mesa com um telefone à D.; À E. há um piano de concerto; um rico tremó de espelho à E. entre os dois planos. Bibelots, *candeeiros eléctricos, almofadas, etc. No primeiro plano à D., uma mesa de jogo; à E., um divã coberto de pele e um* pouf.

Cena I

João Malta, Major Taveira, Nuno Silvares e Manuel de Castro

(*Ao levantar o pano, é noite e a cena está toda iluminada. O envidraçado do fundo está aberto, sendo o jardim largamente praticável e vendo-se uma balaustrada de pedra com vasos ornamentais a todo o fundo. Malta, Taveira e Silvares, sentados à mesa de jogo, acabam uma partida; Castro, sentado num* maple, *do lado oposto, lê um jornal, de perna traçada.*)

Malta (*pousando as cartas*) — Ó Major! Ó Major! Onde é que o senhor tem a cabeça para me jogar essa manilha?!

Major — Então porquê? Ora essa!

Malta — E ainda reponta, hem? Quem é aqui o *feito*, ó Major?

Silvares — Vá, joguem e não percam tempo.

Malta — Pudera! Não percam tempo! Correm-lhe as coisas bem!... (*Ao Major.*) Então, o senhor sai-me com a manilha nesta altura? É mão, o ás ainda não saiu e você sabe que eu não o tenho...

Major — Eu sei lá se você o tem se não! O jogo é este. Você o que anda é com uma dose de rabugice que chega para um regimento.

Malta — Eu só lhe pergunto quem é aqui o feito... O resto é conversa...

Major — O feito é este. (*Ainda Silvares.*) É o Silvares. E daí?

Malta — E daí?

Major — E daí, sim? Você quer que eu lhe mostre como está o jogo? Quer?...

Silvares — Vá, joguem.

Major — Olhe que eu mostro! Que tal está o da rabeca.

Malta — Bem, bem, bem! Não se ganha nada em discutir consigo. Jogue lá, jogue lá, e acabemos com isto.

Major — Pois jogo, sim senhor, e jogo esta! (*Joga.*) E agora?

MALTA — Agora é outra coisa... Assim entende-se.

MAJOR — Ora, meu amigo! O senhor o que está é neurasténico, como agora se diz. Ainda a minha flor andava ao colo da senhora sua ama, já eu jogava o voltarete. Isto, quem sabe sabe. A propósito, lembra-me agora um caso...

CASTRO *(por trás do jornal, em voz de quem começa uma narrativa, imitando o Major)* — Quando eu estava na Beira... Tinhas tu, Taveira, os teus 25 anos... Pois estando eu na Beira...

(Todos riem.)

MAJOR *(a Castro)* — Acordou então sua senhoria para ter gracinha, não é? Pois enganou-se, que não era na Beira, era em Malanje...

CASTRO *(ainda por trás do jogar)* — Sempre é terra de pretos...

MAJOR — Não têm assim tanta graça como os brancos mas são melhores pessoas...

CASTRO — Não lhe ponho dúvidas. Abro uma excepção para as brancas... Essas são melhores que as pretas, não é verdade, Silvares?

SILVARES — Por que hei-de ser eu a dar a minha opinião? Um diplomata, um mundano como o senhor deve saber mais disso do que eu, e a sua opinião deve valer mais do que a minha.

CASTRO — Muito menos, creia... Estou a entrar nos quarenta. Sobre mulheres, as opiniões dos homens novos devem prevalecer... *(Levanta-se, acende um cigarro.)*

SILVARES — Pelo contrário, conhecemo-las menos...

CASTRO — Mas agradam-lhe mais. E quanto a conhecê-las nem o Matusalém sabia mais de mulheres que você...

MAJOR — Então, joga-se ou dá-se à língua?

MALTA *(jogando)* — Pronto. E agora? Quem perdeu?

SILVARES *(joga)* — Vamos a ver...

MAJOR *(triunfante)* — Já está visto!... *(Joga.)* O primeiro milho é dos pássaros — *prima milia passarorum.* Ganhei eu,

apesar ali de aquele senhor estar sempre a implicar comigo. *(Indica Malta.)*

MALTA — Este jogo estava perdido, digo-lho eu. Mas o que o Major tem é sorte e depois chama rabugentos aos outros.

MAJOR — Deixe-se disso, criança loira! Aqui joga-se! Em Luanda, pertencia à partida de dois mestres, o Governador e o Bispo...

SILVARES — Do Bispo? O Sr. Bispo jogava?

MAJOR — Jogava, sim senhor, e de que maneira! Eu creio mesmo que o voltarete não é proibido pela Igreja! E nem você calcula o que é um bispo a jogar o voltarete...

MALTA — Acabaram-se as remissas. Estamos em casa e eu estou com uma furiosa dor de cabeça. Suspende-se a sessão para amanhã. D'acordo?

SILVARES — Pois seja... *(Ao Major.)* O senhor que diz?...

MAJOR — Acho bem.

SILVARES *(a Castro, enquanto Malta arruma as cartas e as fichas)* — Com que então hei-de ser eu quem mais deve saber de mulheres? E Vossa Excelência, como lhe disse há pouco, uma pessoa tão viajada, tão vivida, apela para a minha experiência? Não será ironia?

CASTRO — De modo algum. Neste assunto a intuição é tudo. A experiência não serve senão para nos fazer confusão. E, quanto às viagens, ali o Taveira é mais viajado que eu... O que pensa você sobre mulheres, ó Taveira?

MAJOR *(enchendo o cachimbo)* — Que em África é que se pode ter mulheres. Eu conheci um figurão — um régulo — que tinha quarenta... Quando qualquer delas saía fora do alinhamento, vendia-a... E podia gabar-se de não lhes pagar as contas da modista...

(Riso geral.)

CASTRO — Aposto que você tem inveja do preto?

MAJOR — Eu! Antes comandar um esquadrão disciplinar do que aturar mulheres. Digo-lhe isto!

Cena II

Os mesmos, Constança, Maria Manuela e Jenny, que entram do F., gralhando e rindo

Castro — Ora vou repetir isso mesmo a estas senhoras que aí vêm, para o comprometer.

Major — Veja lá o que faz, homem!

Constança *(a Castro)* — Então o senhor adquiriu também o vício do jogo? Vai-se deitar um lindo fogo-de-vistas na Ribeira e nem isso o interessa! Não aparece, não nos conta as suas histórias, não nos entretém. É um ingrato!

Maria Manuela — Vimos buscá-lo para assistir ao espectáculo e porque o senhor faz parte da nossa cura de repouso. Os Mendonças, quando nos convidaram para passar estes dias de Verão na quinta, disseram-nos que o senhor era um dos seus convidados. Foi uma das coisas que nos decidiram...

Castro — Muito lisonjeiro para mim.

Silvares — Ora aí tem, o meu caro, a resposta sobre os seus quarenta anos. Veja lá se nos dizem dessas coisas a mim ou ao Malta, por exemplo, que somos mais novos.

Castro — É por isso mesmo, creia.

Maria Manuela *(a Silvares)* — O Sr. Malta só se nos contasse histórias de cavalos, e o senhor vinha-nos logo com a política e mais os erros dos governos e o rei D. João II com o Pelicano e isso são histórias muito antigas.

Silvares — Menos frívolas do que aquelas que vocês gostam agora. As histórias do passado são bem mais interessantes que as do presente...

Constança — Ó priminho: tu estás bem certo que as nossas avós gostavam de aturar maçadas?

Silvares — As nossas avós eram grandes mulheres, Constança! Dedicadas à Grei, animadoras e inspiradoras dos homens que fundavam impérios.

Constança — Bum!

Major — Está visto que eram! Olha aquela da Leonor Teles...

(Movimento de surpresa de todos.)

CASTRO — Então que fez essa senhora, Taveira?

MAJOR — Dizem que armou cavaleiros os seus dois filhos.

SILVARES — Que disparate!

(Todos riem.)

MARIA MANUELA — O Sr. Major engana-se... Isso foi Filipa, D. Filipa de Vilhena...

MAJOR — Ou isso...

MALTA *(ao Major)* — A outra fez o que o senhor disse mas foi ao D. Fernando. *(Emendando o gracejo pesado.)* Quer dizer que foi ela que lhe deu a pranchada de cavaleiro... Dizem que foi ela...

CONSTANÇA — Ó Malta, não mexa você mais na história que sai tolice...

MAJOR — Eu lá nisso não sou forte... Mas Leonor Teles, ou essa Filipa que a menina disse, eram tudo mulheres de armas... Que ele há mulheres que têm que se lhes diga... Nunca me há-de esquecer que, uma vez, estava eu no Lubango...

CONSTANÇA — Fujamos que vem história...

(Todos riem.)

MAJOR — Ah!, não querem ouvir! Pois vou ver o fogo, que devem ser horas, e contar as minhas histórias ao padre Januário, ao doutor juiz e a outros cá da minha idade. *(Encaminha-se para o F.)*

CONSTANÇA — Não fique zangado, Sr. Major... Olhe que isto é a brincar!

MAJOR *(ao F.)* — Eu zangado com as meninas? Ai, que se a Constancinha me tivesse conhecido noutro tempo, eu lhe saberia contar histórias que a divertissem.

CONSTANÇA *(rindo)* — E eu que acredito...

MARIA MANUELA *(rindo)* — E eu também...

MAJOR — Podem crer. O capacete com a divisa: «Ou morte ou glória», os vivos da farda, as charlateiras. Ai! Ai! Rico tempo! *(Outro tom.)* Está uma noite de apetite. *(A Silvares.)* Você vem, ó janota?

SILVARES — Não, obrigado, Sr. Major...

MAJOR — Então fique. Fique a entreter estas meninas com as suas histórias do tal pássaro... Pelicano, não é? Nunca vi disso em África, mas tenho ouvido dizer que é passarolo de respeito e que até tira carne do peito para dar aos filhos... *(Outro tom.)* Sim senhor. Linda noite. *(Sai pelo F.)*

CENA III

Os mesmos, menos o MAJOR

CASTRO — Adorável este nosso Major.

MARIA MANUELA — Pitoresco...

SILVARES — Confesso-lhes que já lhe achei mais graça... Por vezes acho-o duma ignorância imprópria de quem veste uma farda e dizendo tolices que vão além das marcas.

CONSTANÇA — Tu, em te tocando no Pelicano, ficas indignado. Pois olha que é um bicho bem feio.

SILVARES — Não se trata aqui do pássaro... O que é respeitável é o símbolo.

CONSTANÇA — Sim... Só se for isso... *(A Maria Manuela, indo à D.)* Oiça lá, ó Maria.

(Ficam as duas conversando.)

CASTRO *(a Jenny, que pouco depois de entrar foi para junto do piano ver músicas)* — Que tem o meu amor? Tão calado, tão à parte... Estás triste?

JENNY — Muito...

CASTRO — És bem uma doce inglesinha melancólica. Por isso te chamam, *miss* Jenny...

JENNY — E sou portuguesíssima e casada.

SILVARES *(a Malta)* — Você dá-me um cigarro, ó Malta?

MALTA *(abrindo a cigarreira)* — Aqui tem...

SILVARES *(tira um cigarro)* — Obrigado.

CASTRO — Não recordes isso... Ele está longe e eu adoro-te.

JENNY — A duas horas de carro e com o telefone a ligar-nos.